

# Hospital não crê em contaminação

A morte de quatro bebês, dois deles prematuros, no Hospital Regional da Asa Sul, não passou de uma trágica coincidência. A informação é do médico Renato Maranhão Moreira, gerente de Atenção à Saúde do hospital. Ele afirma que uma das crianças teria morrido em decorrência de hipertensão pulmonar grave; outra, por paralisia cerebral e uma terceira morreu devido a uma forte hemorragia.

O neonatologista Jefferson Guimarães Resende, que atua na UTI pediátrica do Hras, concorda. Ele afirma que a morte de quatro bebês em menos de uma semana não é um absurdo, se considerado o nível de complexidade do berçário do hospital, que atende vários recém-nascidos debilitados. "São fatos que acontecem em qualquer berçário tão complexo quanto o nosso", afirmou.

Ainda assim, o Ministério Público quer investigar a morte dos quatro bebês. Há suspeita de que pelo menos um deles tenha sido vítima de uma infecção hospitalar, mas a direção da unidade nega. O promotor Jairo Bisol, da Promotoria de Defesa do Usuários de Saúde, pediu à Agência Nacional de Vigilância Sanitária, ao Departamento Nacional de Auditoria do SUS e ao Conselho de Medicina que investiguem o caso. Segundo Bisol, a presença da bactéria *Serratia marcescens* foi constatada na unidade de terapia intensiva do hospital.

A diretoria do Hras explica que a bactéria foi identificada no dia 18 de junho, e apenas uma das nove crianças colonizadas chegou a desenvolver um quadro de infecção. O bebê foi tratado e já teria recebido alta. As demais crianças apenas apresentaram a bactéria na pele, inclusive uma das quatro que faleceram.

O médico Renato Moreira afirma que a criança que estava colonizada pela bactéria era um prematuro grave – pesava 925 gramas, quando o normal é acima de 2,4 quilos – e faleceu por complicações pós-operatórias, depois de ter sido submetida a três cirurgias devido à má formação intestinal.

"Não há qualquer ligação das mortes com a bactéria. As chances dela sobreviver eram mínimas", garante.

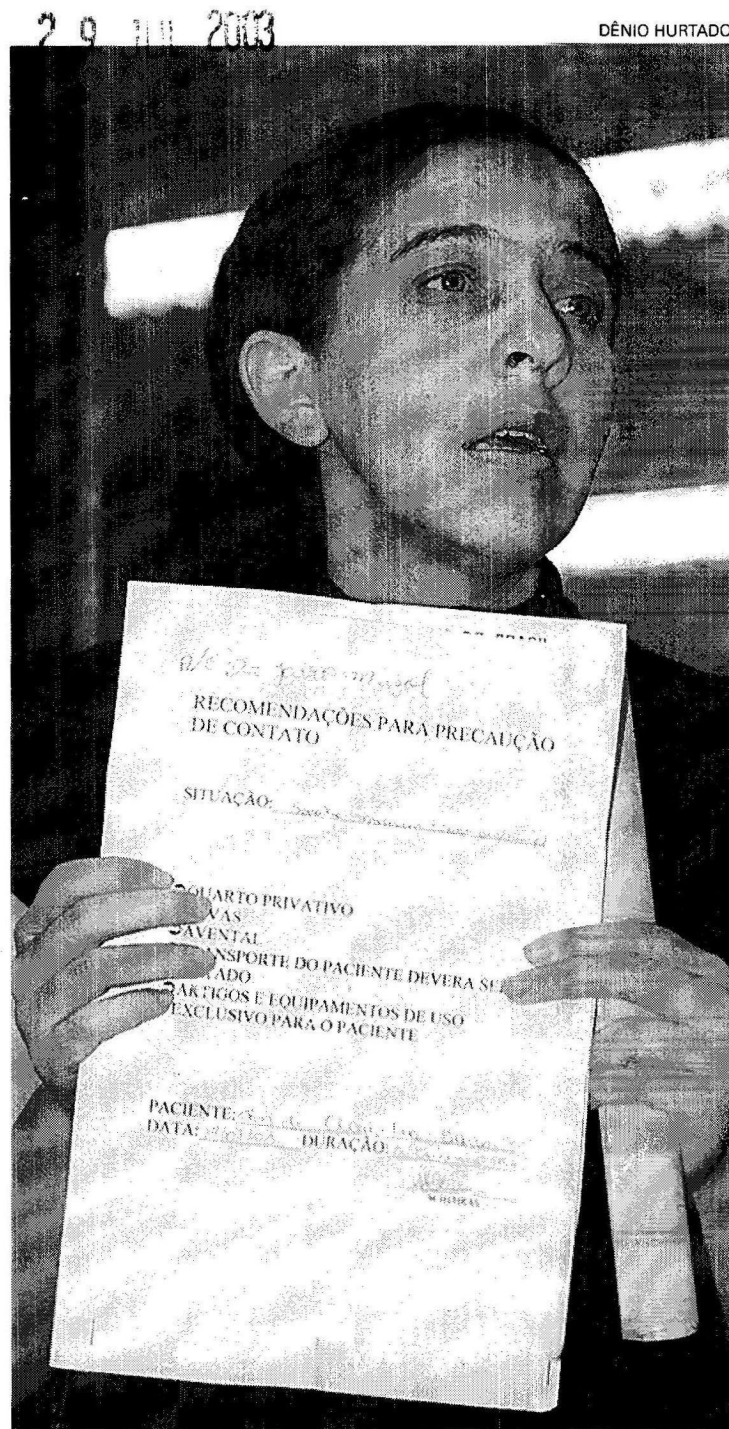
**"Não há qualquer ligação das mortes com a bactéria. As chances dela sobreviver eram mínimas"**

Renato Maranhão Moreira,  
gerente de Atenção  
à Saúde do Hras

Mas Cláudia Barros Pinheiro, mãe do bebê que precisou ficar isolado devido à presença da bactéria na pele, crê que a filha morreu em virtude de uma infecção.

Ela conta que os cirurgiões que operaram sua filha garantiram que ela sairia logo do hospital. "Ela morreu enquanto eu trocava sua fralda. Agora, eu estou em busca de justiça para que outras crianças não morram", declarou.

O atestado de óbito do bebê aponta derrame pericárdico (líquido que envolve o coração), suspeita de infecção bacteriana, parada cardiorrespiratória e prematuridade como as causas da morte.



Cláudia Barros, mãe de um dos bebês mortos, procurou o MP

## PREMATURIDADE AUMENTA RISCO

■ O neonatologista Jefferson Guimarães Resende afirma que Brasília apresenta um dos menores índices de mortalidade infantil, se comparado com unidades de todo o Brasil. Em cada mil crianças que nascem, apenas 14 morrem antes de completarem um ano de vida.

■ Estatísticas do Hras mostram que de cada cem bebês que nasceram com menos de 999 gramas no ano de 2000, 36 faleceram. "Quanto mais prematuro é o bebê, maior é o risco de óbito", diz o médico Jefferson Guimarães Resende.

■ Até nos Estados Unidos, que é referência em pediatria, o risco de uma criança com menos de 600 gramas morrer é de 90%, o que comprova a fraqueza dos prematuros extremos.